

CRÍTICA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ESTUDOS DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA – 1987 A 2001: UMA ANÁLISE DOS PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS

Autor: Ivson Silva¹

Co-autora: Kátia Sá²

RESUMO

A pesquisa foi elaborada no grupo LEPEL/ FAGED/ UFBA. Tem como problemática: Quais os limites e possibilidades da realidade histórica da produção do conhecimento dos estudos do corpo na Educação Física, em vista a uma análise dos pressupostos ontológicos, produzidos no modo de produção das relações econômicas capitalistas? Objetivo geral: Reconhecer limites e possibilidades da realidade histórica da produção do conhecimento dos estudos do corpo na Educação Física, em vista a uma análise os pressupostos ontológicos, produzidos no modo de produção das relações econômicas capitalistas. A pesquisa foi do tipo bibliográfica e documental com análise da realidade objetiva do objeto para reconhecimento de como os autores trataram em seus estudos a categoria corpo. Nas considerações finais, as bases idealistas das obras não avançam na compreensão da passagem do ser natural para a condição de ser social, visto que essa passagem ocorreu por determinações históricas das forças produtivas dentro do modo de produção e que ao estabelecer essa relação o ser humano se produziu enquanto ser social pelo trabalho.

Palavras-chave: Ser Social-Trabalho. Epistemologia. Pressupostos ontológicos. Educação Física

¹ Esp. em Met. do Ens. E da Pesq. Em Ed. Física Esporte e Lazer.

² Dr^a pelo Programa de pós-graduação em Educação da UFBA

período de 1987 a 2001 em vista a uma análise dos pressupostos ontológicos, produzidos no modo de produção das relações econômicas capitalistas?

Nosso objetivo geral de investigação busca reconhecer limites e possibilidades da realidade histórica da produção do conhecimento dos estudos do corpo na Educação Física, referente ao período de 1987 a 2001 em vista a uma análise dos pressupostos ontológicos, que vem sendo produzidos a partir do modo de produção das relações econômicas capitalistas.

O estudo proposto foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico e documental, considerando uma análise epistemológica de estudos sobre o corpo tratados no campo da Educação Física, que permitem confrontar o pensamento de pesquisadores em pesquisas produzidos nas três últimas décadas, considerando o que vem sendo acumulado sobre esses estudos.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA: CRÍTICA AO DEBATE HISTÓRICO SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DO CORPO - 1987 A 2010

No enfrentamento da luta de classes que está colocado em todo momento histórico para a humanidade, em especial no trabalho das produções que analisamos sobre os estudos do corpo, ocorre nas obras analisadas, diferentes compreensões da realidade, exigindo a todos os pesquisadores um posicionamento frente às necessidades vitais de atender ou se contrapor as idéias dominantes da sociedade capitalista.

De acordo com Freitas (1994, p. 37), ainda que alguns teóricos da Educação Física não queiram se colocar para o necessário enfrentamento desta questão, acreditando estarem neutros nos debates sobre determinados objetos e nesse estudo específico, sobre o corpo, reconhecemos que a neutralidade não existe e que estes estão assumindo uma posição, sim. Defende para a Educação Física um desvio teórico altamente comprometedor, considerando que a área pode conferir ao corpo um significado e importância maior do que é tratado pelas teorias explicativas da história.

A posição de classe que está colocada na produção do conhecimento sobre o corpo no campo da Educação Física, é parte da força produtiva que tem impacto restritivo e direto no trabalho pedagógico e na compreensão da realidade. (TAFFAREL E ESCOBAR, 2011, f. 7)

De acordo com Marx e Engels (2009, p. 30), ao longo da história, as evidências demonstram que a produção intelectual se converteu em produção material. Por conseguinte,

- uma área do conhecimento – a Educação Física, dar conta dessa tarefa na escola, quando as demais áreas tratam da formação que denominam intelectual;
2. Nos objetivos das obras, reconhecemos que não há uma preocupação com o modo de produção e reprodução da existência humana; em capítulos anteriores, evidenciamos a importância de se considerar historicamente cada período a partir do modo de produção para a compreensão da realidade objetiva e subjetiva do objeto.
 3. Os autores, por discutirem o corpo a partir de reflexões pedagógicas advindas da base antropológica da cultura, sem relacionar fatores determinantes a partir do trabalho, não conseguem estabelecer uma leitura crítica da realidade objetiva em que a natureza biofísica é tratada na concepção do humano nas relações de produção do capitalismo. Na condição de sustentação argumentativa, os autores acabam por explicar aspectos da realidade (escola, sociedade, educação e novas tecnologias), de forma distorcida, tornando a realidade uma abstração.
 4. A presença do homem no mundo sendo demarcada pela corporeidade, descaracteriza todo o processo ontológico de formação do ser social pelo trabalho.
 5. Há um acentuado ecletismo teórico tratado pelos pesquisadores na definição da concepção de ser humano, cuja insustentação filosófica para explicar o corpo gera limitações históricas e ontológicas.

Mediante o exposto, reconhecemos que compreender o ser humano perpassa pela necessidade de reconhecer dialeticamente todo o movimento histórico de como esse se formou, a partir da relação com a natureza pelo trabalho, com os outros seres humanos e com o desenvolvimento da produção material, saltando da condição de ser biológico para o ser social para atingir graus mais elevados em seu processo de hominização.

Nesse sentido, os autores que discursam sobre o corpo acreditam estar possibilitando a superação do tratamento dado ao corpo no campo da Educação Física. Reconhecemos que o tratamento dado apenas ao corpo traz uma série de implicações para o ser humano, que acaba sendo possuidor de um corpo.

As abstrações geradas pelos estudos para explicar o corpo na escola, na sociedade, na educação e na relação com as novas tecnologias, imprimem um processo de alienação na Educação Física, gerando problemas ontológicos graves que impedem as possibilidades de um salto qualitativo na compreensão e explicação das relações do trabalho pedagógico a ser estabelecido dentro do processo produtivo e da prática social.

verdadeiramente revolucionário, capaz de mudanças radicais na estrutura de produção vigente.

Quanto ao discurso de valorização do corpo, reconhecemos que não há sustentação, pois falam de um corpo que não tem história, nem fundamentos ontológicos reais. As obras não desenvolvem uma capacidade de generalização para explicar a existência da natureza humana em relação a uma existência social.

Segundo Freitas (1994, p. 44) explicar o corpo é colocar o ser humano no “velho dualismo” que reforça a existência de aspectos biofísicos e do outro lado, aspectos cognitivos, afetivos. Há o entendimento que a unificação desses elementos, forma o ser humano na sua integralidade, com capacidades emancipatórias, o que não é verdade.

A posição idealista desses autores sobre o corpo, contribui para manutenção dos interesses de cooptação da força de trabalho da classe trabalhadora para colocar à serviço do capital. Portanto, os estudos sobre o corpo reforçam a proposta de dominação sobre a classe trabalhadora; o corpo é colocado na condição de limitação do ser humano dentro do modo de produção capitalista, que precisa melhorar a cada dia a sua capacidade de funcionamento frente à produção do lucro tanto almejado por esse sistema ganancioso e selvagem.

O posicionamento assumido pelos autores aponta claramente, que parte da intelectualidade da Educação Física foi cooptada pela propriedade privada, e estes colaboram para propagar para classe trabalhadora o discurso que para mudar a estrutura social é necessário apenas, modificar as idéias; este posicionamento ocasiona um atraso ao processo revolucionário. No entanto, já sabemos que o domínio intelectual dominante em um dado momento histórico é dos dominantes. Por isso, a necessidade de romper com os determinantes da sociedade capitalista que se encontram aliados a produção de conhecimentos, tais como o que tratamos nesse estudo.

As bases que tratam o corpo nas obras analisadas partem do ideário burguês, que é condicionado por uma cultura e por uma posição de classe. Conforme Baudrillard Apud Freitas (1994, p. 64) o corpo nessa perspectiva é,

recuperado como instrumento de fruição e expoente de prestígio... torna-se então objeto de um trabalho de investimento que, sob o manto do mito da libertação com que deseja cobri-lo, represente um trabalho ainda mais profundamente alienado que a exploração do corpo na força de trabalho (1981, p. 160)

O equívoco da compreensão dos autores em afirmarem que o ser humano tem um corpo, é resvalar nas concepções filosóficas que enalteciam a mente e rebaixava o corpo a objeto a serviço da alma. Pois, desde os gregos, o ócio era apenas para quem tinha casta privilegiada e desprezava as atividades manuais, pensamento que nos dias atuais continuam a prevalecer em nossa sociedade capitalista.

3. CONCLUSÃO

Os estudos que compreendem a centralidade do corpo, enquanto expressão do ser humano desvia questões centrais que estão colocadas para a totalidade humana, que são necessárias para o projeto de formação humana que permita o ser humano compreender a realidade, o que permite uma condição para a sua alteração, pois, não se pode alterar aquilo que não se conhece.

Dessa forma, as obras de forma idealista trazem diferentes compreensões fragmentadoras do ser humano, sem considerar as mediações necessárias, que estabelecem relações com o modo de produção da existência e as determinações impostas pelas forças produtivas. Explicar o corpo segundo as idéias, e não a partir de uma base ontológica que explica o ser humano na sua prática material (em que ao trabalhar, ou seja, transformar a natureza e dialeticamente, transforma a si próprio) produz uma determinada cultura que gera conhecimentos que se tornam instrumentos que favorecem a classe burguesa que detém os meios de produção.

A concepção de homem explícita nas obras não permite o avançar na compreensão do ser social, que põe a sua natureza biológica para produzir o seu meio de sobrevivência pelo trabalho.

Diferentemente das compreensões idealistas apresentada nas obras, a nossa compreensão de Educação Física tem a sua base na ontologia que explica a história do ser social, alicerçada em um método (Materialismo histórico e dialético), uma teoria do conhecimento (Marxismo) uma teoria educacional, (histórico-crítica), uma teoria pedagógica (Cultural corporal), além de um projeto histórico oposto ao dominante. O que nos permite avançar, de forma fundamentada na apropriação e produção de conhecimentos, enquanto possibilidades de intervir no real concreto, de forma consciente para a mudança radical com a sociedade capitalista.

